



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MURILLO SOUSA RIBEIRO

O EU QUE AGORA EDUCA:
HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR

FORTALEZA

2023

MURILLO SOUSA RIBEIRO

**O EU QUE AGORA EDUCA:
HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R37e Ribeiro, Murillo Sousa.

O eu que agora educa : história de vida e formação de um professor / Murillo Sousa Ribeiro. – 2023.
33 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Formação de Professores. 2. Narrativa Autobiográfica. 3. Paulo Freire. I. Título.

CDD 570

MURILLO SOUSA RIBEIRO

**O EU QUE AGORA EDUCA:
HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

Aprovado em: 13/07/23

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser o alicerce de tudo o que sou.

Ao meu grupo de apoio, composto por amigos e familiares que sempre me deram muito amor, apoio e vivências ímpares.

Aos meus amigos e colegas da Biologia, que são parte fundamental desta jornada. Em especial a Levi e Victor que sempre estiveram presentes e dos quais eu nunca consegui me livrar.

Ao Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva, pela paciência e as conversas encorajadoras todos esses anos.

À Thais, por me guiar quando eu me senti perdido.

À Rayanne, por ter sido minha primeira ajuda na confecção deste trabalho.

À Letícia, por me compreender e me dar ajuda quando eu não contava com nada.

Ao Deivson, que foi meu coach quando eu estava desencorajado.

À Júlia, que me manteve de pé todas as vezes em que eu certamente cairia e foi fundamental em todas as partes deste estudo.

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser.”

(Paulo Freire)

RESUMO

O estudo de narrativas autobiográficas é um método que tem como objetivo encontrar a soluções ou sentido para alguma questão que envolva os sujeitos cujas histórias de vida pretende-se recapitular. No presente estudo, faço uma narrativa autobiográfica baseada em minhas experiências de vida que considere mais influentes em minha jornada de formação como educador. Ao pontuar significações destas experiências, utilizando o sistema de ensino, no qual fui educado, como eixo central, procuro criar um diálogo entre as influências do meu cotidiano e as ideias de formação permanente de Paulo Freire para explicar como emergiu meu perfil como educador.

Palavras-chave: Formação de Professores, Narrativa Autobiográfica, Paulo Freire.

ABSTRACT

The study of autobiographical narratives is a method that aims to find solutions or meaning for any question that involves the subjects whose life stories it is intended to recapitulate. In the present study, I make an autobiographical narrative based on my life experiences that I considered most influential in my training journey as an educator. By punctuating the meanings of these experiences, using the education system in which I was educated as a central axis, I try to create a dialogue between the influences of my daily life and Paulo Freire's ideas of permanent formation to explain how my profile as an educator emerged.

Keywords: Teacher Training, Autobiographical Narrative, Paulo Freire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Família.....	15
Figura 2. Turma PNV no ano de 2008.....	20
Figura 3. Aula de Campo em Ubajara-Ce no ano de 2010.....	25
Figura 4. Turma de Monitores da Seara da Ciência no ano de 2010.....	27
Figura 5. Turma Paulo Freire no ano de 2011.....	29
Figura 6. Quadro pertencente ao Curso Paulo Freire em 2011.....	30
Figura 7. Reunião da equipe PIBID Biologia de 2012.....	31
Figura 8. Visita da equipe PIBID Biologia à Escola Justiniano de Serpa em 2012.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO	11
3. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO OBJETO DE PESQUISA.....	12
4. JORNADA DE UM FUTURO PROFESSOR NEGRO.....	13
5. PROJETO NOVO VESTIBULAR (PNV).....	18
6. SEMESTRE 2009.2.....	22
7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC).....	23
7.1 Seara da Ciência	26
7.2 Curso Paulo Freire	28
7.3 Experiências com Docência durante a Graduação.....	31
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Nestas páginas me comprometo a contar uma história de como surgiu este *professor* que vos escreve. Escolhi usar o método da narrativa autobiográfica na tentativa de discorrer sobre um tema que eu dominasse e poderia me expressar sobre, com leveza e segurança: *eu*. No entanto, me descubro como mero analista das vidas de outros *eus*, radicalmente diferentes de mim. Mesmo agora, tento resgatar o máximo de detalhes de acontecimentos passados, em minha memória, na tentativa de ser o mais honesto possível neste trabalho humilde, mas sei que não importa o quão vívidas as lembranças possam parecer, elas sempre serão mais reais para aquele *eu* que as viveu quando eram momento presente, em toda sua plenitude. Todas estas versões de mim, nas quais eu não me reconheço mais, foram componentes físicos ou abstratos fundamentais na composição de vivências que elas mesmas interpretaram e ressignificaram ao longo do tempo e me deixaram como herança traços de personalidade que formam o conjunto *eu* atual. Sou a única versão de mim que restou e somente eu tenho direito de, e competência para, contar as histórias destas personas que deram o sangue para que *eu* viesse a existir como educador e é meu dever fazer jus a seus esforços descomunais, me formando como docente e disseminando seus ensinamentos aonde eu for. Esse é um estudo sobre existências, (d)existências e (r)existências.

2. OBJETIVO

Interpretar o surgimento do meu perfil como professor, à luz da ideia de formação permanente de Paulo Freire.

3. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO OBJETO DE PESQUISA

A pesquisa com histórias de vida tem, oficialmente, pouco mais de 30 anos, se levarmos em consideração os trabalhos de Pineau (2006). Este aspecto das ciências humanas ganhou força como ramo de estudo na década de 1980, com movimentos de cientistas sociais franco-quebequenses que formaram uma rede chamada *História de vida e autoformação* que procuravam novas formas de pensar sobre educação.

As narrativas de história de vida foram de início refutadas como método de estudo em educação, já que os objetos sociais passaram a tomar a frente como sujeitos que falavam de si mesmos e contavam suas histórias de vida. O que era inadmissível para os pensadores da educação que à época buscavam construir um saber objetivo e sem sujeito (Pineau, 2006).

A narrativa, pode ser tanto fenômeno, quanto método (CONNELLY; CLANDININ, 2000). Isto é, pode referir-se como estratégia na investigação educacional, evidenciando o fenômeno narrado e também, enquanto método na compreensão das experiências/vivências narradas, possibilitando ao pesquisador enlaçar o cerne da experiência humana, por conseguinte, da aprendizagem e transformação humana. Galvão (2005, p.329), anuncia que a terminologia *pesquisa narrativa* tem abrangido desde a “análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto”. Em relação às configurações e usos do termo narrativa, é válido o destaque que estes têm sido utilizados de forma veemente na busca de compreender os sentidos conferidos às vivências.

Neste contexto, Daniel Bertaux diz que “há relato de vida desde que haja descrição na forma de narrativa de um fragmento de experiência vivida” (PINEAU, 2006, p. 340 apud. BERTAUX, 1997, p.9), o que coloca a autobiografia como um subtipo de história de vida que “constitui um modelo no qual, no limite, ator e autor se superpõem sem um terceiro mediador explícito” (Pineau, 2006, p. 340).

Assim, a narrativa de história de vida autobiográfica se consolida de um método de estudo em educação, no qual o autor, no papel de sujeito e objeto

de estudo, procura analisar sua trajetória em busca de sentido e resposta para diversas questões, que provavelmente não seriam respondidas em um estudo em que não houvesse a possibilidade de alteração dos elementos instituídos de pesquisa ordinária, como sujeitos, objetos, objetivos e meios, ainda como citado por Pineau (2006).

Ela se apresenta de diversas formas e estilos, circula por meio de histórias contadas e recontadas imbuídas por diversos significados. Aparece em textos orais, escritos e visuais e está sendo investigada em diversas áreas do conhecimento: na educação, na medicina, na psicologia, na sociologia, na história, na antropologia, na arte, estudos feministas, entre outras. O estudo da narrativa é marcado pela forma como “nós seres humanos experimentamos o mundo”, pois “somos organismos contadores de histórias”, tanto professores quanto alunos, são contadores e personagens de suas próprias histórias e dos demais, histórias pessoais e sociais (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11).

Utilizarei como instrumentos para esta análise registros de memórias, imagens de arquivos pessoais e informações, retiradas do site da própria Universidade Federal do Ceará (UFC), referentes aos projetos de extensão que serão citados, para criar um diálogo com as ideias de formação permanente de Paulo Freire.

4. JORNADA DE UM FUTURO PROFESSOR NEGRO

Sou um homem negro, filho de pais negros naturais do interior do Ceará. Ser negro no Brasil vem sempre acompanhado de um pacote de desvantagens socioeconômicas, que variam de caso em caso, mas que tradicionalmente incluem ser pobre e filho de mãe solo. No meu caso, sou filho de mecânico e empregada doméstica. Minha mãe foi dada pelos pais aos seis anos à uma família branca residente de Madalena (interior do Ceará), para não ser mais uma vítima da fome. Cresceu em regime de trabalho análogo à escravidão e criou um vínculo de dependência para com a família que a manteve cativa (a dos padrinhos).

Este vínculo é delicado e por ter sido construído desde criança, minha mãe vê os padrinhos e seus filhos como o mais próximo do conceito de família que conseguiu construir antes do nascimento de seus próprios filhos, apesar de

ter consciência que não ocupa este espaço na realidade, se vendo naquele lugar estereotipado de “como se fosse da família”.

Fui criado dentro das dinâmicas sociais desta família branca. Meu caso não foi igual ao de minha mãe, pois eu não tive que trabalhar para a família e alguns “tios de criação” realmente construíram um vínculo afetivo comigo e minha mãe desde criança, me levando a ter mensagens confusas de pertencimento. Alguns tios me chamavam de sobrinho e me tratavam como qualquer outro dos meus “primos de criação”, enquanto outros deixavam claro que eu era “o filho da empregada”. Aprendi cedo que família não é sangue. Com o tempo aprendi a separar quem eu trataria como parente e quem eu trataria como estranho. Atualmente tenho primos, tios e irmãos que eu mesmo escolhi nesta época.

Ser um negro criado entre parentes brancos, oriundos do interior do estado, entre os anos de 1990 e 2010 é um evento traumático para qualquer um, somando a isso o meu tratamento ainda mais diferenciado por ocupar este lugar, já citado, de “quase familiar” é duas vezes mais traumático. Os desafios dentro da dinâmica familiar só refletiam o Brasil da época e meu cotidiano que, dentro e fora de casa foi permeado por mensagens objetivas e subjetivas de inadequação em relação a determinados lugares e situações em que era mais comum ver o protagonismo de pessoas consideradas brancas pela nossa sociedade.

A primeira infância é preenchida por uma infinidade de objetos e atitudes discriminatórias e, em uma sociedade estruturalmente racista, as pessoas acabam por reproduzir essa lógica em diversos espaços e situações. Os brinquedos são, em sua maioria, de personagens brancos. As bonecas e bonecos têm cabelos claros e lisos, olhos claros e pele branca. São estes que preenchem as prateleiras das lojas dedicadas às vendas de brinquedos e artigos infantis. Quando se faz um elogio, o cabelo só é bonito se é liso, caso seja crespo, surge o comentário que é ruim e difícil de pentear, dá trabalho. Ao pentear o cabelo de uma boneca, ele só estará bonito quando esticado, ou seja, liso, e isso passa a ser visto por uma criança, por exemplo, como o cabelo ideal, bonito. O lápis de colorir dedicado à “cor da pele” é aquele identificado como o rosadinho, que não representa a cor de quase ninguém. Ferreira (2022, p. 5)

Figura 1. Família

Fonte: Autor, 2013.

A construção da autoconfiança é desafiadora para o negro, a inconformidade com relação ao próprio corpo, que é signo de erro, maldade, hediondez, objetificação, comicidade ou invisibilidade, nos leva a pensar em nós mesmos como indignos de respeito ou amor-próprio.

Ainda neste contexto, iniciei meus estudos em escolas particulares de bairro, que na realidade eram casas em que os cômodos foram convertidos em salas de aula e o quadro de professores incluía parentes dos donos que não possuíam formação alguma como docentes.

Da primeira escola tenho muito boas lembranças. Conhecia todas as outras poucas crianças matriculadas e seus pais. Me sentia seguro e aprendi todas as competências como qualquer criança.

Aos 8 anos, a primeira escola fechou e tentaram me matricular em uma escola pública muito maior que a escola que eu estava acostumado. Entrei em pânico e tive crises de ansiedade pela primeira vez na vida. Nem a escola, nem minha família souberam lidar com isso. Voltei para casa aos prantos todos os

dias até que finalmente meu irmão, que já trabalhava, me matriculou em uma escola particular em que meus primos estudavam. Consegui ficar em sala de aula e estudar como todos os outros, mas já não gostava mais de ir à escola e nunca mais viria a gostar. Sempre que eu podia, inventava uma doença ou chorava para não ir à aula. Achava o ambiente hostil e as aulas chatas. Mudei para uma escola de bairro ainda maior, que incluía ensino religioso. Fui um péssimo aluno. Sempre tirava notas baixas, faltava muito, sempre dizia que estava passando mal para ir embora para casa e minha taxa de faltas só aumentou com o passar dos anos. Tinha alguns colegas que conversavam comigo porque os lugares eram numerados de acordo com a chamada e sentávamos sempre juntos, mas não fiz amigos neste período. Fazia de tudo para ser invisível dentro de sala e a ideia de o professor me chamar pelo nome para responder qualquer pergunta na frente da classe inteira me causava pânico. Não lembro de estudar um dia sequer no último ano que passei lá. Estava sempre desatencioso, distante e passava os intervalos na biblioteca lendo os contos racistas de Monteiro Lobato. Sofria bullying por ser esquisito e os alunos eram muito racistas. Há uma razoável literatura, no Brasil, acerca da disparidade educacional entre brancos e negros (pretos e pardos). Um bom número de trabalhos sugere que o racismo, o preconceito e a discriminação estão entre as principais causas do fracasso e da evasão escolar de pessoas negras (ROSEMBERG, 1998; CAVALLEIRO, 2000; SILVA, 2001; CARVALHO, 2006).

Meu irmão pagou meus estudos neste colégio religioso por alguns anos, mas quando ele saiu de casa minha mãe voltou a assumir esse papel e as mensalidades foram atrasando. Se já não gostava de qualquer coisa relacionada à escola, piorou quando começamos a passar necessidades sérias em casa. Comida, água, luz...todo mês havia uma falta. É muito difícil ter vontade de fazer qualquer coisa com fome. Não abandonei a escola por pressão de amigos e familiares.

Reprovei a sétima série do ensino fundamental - equivalente ao oitavo ano do ensino fundamental atual. Por ser um péssimo aluno e ter mensalidades em débito, não pude ser rematriculado e em 2003 fui colocado em uma escola pública, sobre a qual havia ouvido boatos envolvendo violência e abuso de drogas. Novamente tive crises de pânico antes do início das aulas.

Para minha surpresa fui recebido muito calorosamente pelos colegas e professores. A maior parte dos alunos era preta ou parda e desenvolvi um sentimento de pertencimento logo nos primeiros dias. Os alunos tinham orgulho de se chamarem de “negões” e eu nem era considerado do grupo porque não era retinto. Achei o nível dos conteúdos trabalhados na escola pública muito mais fácil do que o da escola particular e fui taxado de “nerd” mesmo me achando o pior aluno da minha classe na escola anterior. Alguns dos meus colegas não sabiam ler e eram maiores de idade.

Ser elogiado por características que eram consideradas defeitos na escola particular fizeram muito bem para minha autoestima. Eu era valorizado pela minha aparência, minhas capacidades intelectuais e minha habilidade discursiva. Tudo isso era novo pra mim e com o tempo eu aprendi a me expressar em sala de aula e conversar com os colegas. Fiz amigos e hoje em dia sou considerado um homem extrovertido porque fui matriculado na escola pública da qual tinha ouvido falar tantas barbáries, não poderia ser mais grato ao universo por isso. Desde então fui aluno do ensino público e continuo sendo até hoje. “A educação que se vive na escola não é a chave das transformações do mundo, mas as transformações implicam educação.” Freire (1983).

Mesmo gostando muito dos colegas e professores, ainda achava as aulas chatas e o conteúdo desinteressante. Continuei faltando muito, mais até que na escola particular, pois achava as avaliações mais fáceis e havia uma tolerância maior por parte do corpo docente e administrativo. Terminei o terceiro ano do ensino médio e fiz vestibular para entrar no curso de Letras Português da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sem nem mesmo saber como funcionava o vestibular, por influência de amigos e professores. Não passei da primeira fase. Foi então que, aos 18 anos conheci o Projeto Novo Vestibular (PNV), que é um marco na minha jornada como discente e como cidadão ciente de meu local social e capaz de transformar minha história de vida.

5. PROJETO NOVO VESTIBULAR (PNV)

O Projeto Novo Vestibular (PNV), é uma atividade de extensão ligada ao Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fundado em 1986 pelos integrantes do Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar, o projeto consistia em um curso preparatório para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC), cujos professores eram alunos dos cursos de graduação da própria UFC, e tinha como público alvo alunos oriundos da rede pública de ensino que estivessem cursando, ou que já haviam cursado, o terceiro ano do ensino médio (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2017).

Atualmente as aulas ocorrem nas salas de aula do Departamento de História e tem como foco principal o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e secundário o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Os alunos contam com professores de Redação, Português, Matemática, História, Geografia, Química, Física, Biologia, Sociologia, Filosofia, Inglês e Espanhol, apostilas e estudos dirigidos desenvolvidos pelo corpo docente e livros disponíveis para aluguel na Biblioteca Semente, pertencente ao próprio projeto. De segunda à sexta ocorrem, não somente aulas, mas palestras, simulados de provas do ENEM e de outros vestibulares no período noturno, no horário de 18:00 às 22:00.

O projeto normalmente é gratuito, contando com um número de vagas específico que é preenchido por ordem de chegada na matrícula, mas no ano de 2023 foi necessário que os alunos contribuíssem com uma ajuda de custo no valor de 100,00R\$ para custear despesas após a pandemia de COVID 19.

A proposta do PNV é “contribuir para a democratização da educação e ampliação da vida escolar dos educandos. Para tanto, desenvolve-se um trabalho coletivo [...] abalizado pelos princípios teórico-metodológicos da educação popular e da pesquisa-ação, com extrema atenção para a inclusão de alunos parcialmente surdos e surdos.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2017).

Meu primeiro contato com o projeto, foi através de um amigo que havia cursado o terceiro ano do ensino médio em 2007 comigo e ao mesmo tempo havia sido aluno do PNV. Ele tentaria vestibular novamente em 2008, faria o curso mais uma vez e me convidou a frequentar as aulas com ele. Eu já havia

tentado vestibular, mas as únicas conclusões as quais eu havia chegado eram a de que era uma prova muito difícil e que eu não tinha conhecimento o suficiente para passar e conseguir uma vaga em uma universidade pública.

Quando a proposta me foi feita, fiquei muito relutante pois não gostava da escola e provavelmente não gostaria deste curso que me parecia mais difícil que as aulas do ensino médio. Não havia mais vida escolar para continuar, eu não tinha nenhuma perspectiva de emprego ou autoconfiança necessária para procurar uma vaga no mercado de trabalho, contudo, a educação é um dos caminhos para a transformação social e para a conquista de direitos, através dela as pessoas conseguem ter maior clareza para lerem o mundo (FREIRE, 2020, p.50) e com esse pensamento, resolvi dar uma chance ao curso.

Como o Departamento de História ficava há mais ou menos 1,5km da minha casa, eu ia a pé com meus dois amigos do bairro pois assim, não precisava gastar com transporte, além disso, nunca levava lanche. Em 2008 o curso cobrava uma taxa de mensalidade equivalente a 10% do salário mínimo e como minha mãe trabalhava fazendo bicos informais, eu não tinha renda, era muito custoso pagar o curso, por causa disso, pensei em desistir desde o início. Desistir é um ato praticamente impossível de largar, mas o discurso da impossibilidade é ideológico e reacionário, o valor da educação está em saber que não se pode tudo, mas se pode muita coisa através dela (FREIRE, 2020, p.212).

A atmosfera do projeto era diferente de tudo o que eu já havia vivido. Logo na aula inaugural percebi que as pessoas que estavam ali queriam realmente aquelas vagas. Na escola sempre fui por obrigação e como regra geral, a maioria dos meus colegas também. Era estranho e instigante ver outros alunos, como eu, querendo estudar de verdade, cheios de expectativas de como seria a universidade e os cursos que queriam fazer. Eu nunca havia pensado nem em que curso gostaria de entrar, quanto mais o que esperar dele.

Nesta época a UFC utilizava como método de seleção o vestibular que consistia em duas etapas: a primeira fase, que consistia em uma prova de questões objetivas, com cinco opções de resposta cada, divididas nas áreas de Português, Matemática, História, Geografia, Química, Física, Biologia e Língua Estrangeira e Literatura; E a segunda fase, que por sua vez era dividida em duas modalidades: uma prova relacionada à duas matérias cujos

conhecimentos seriam mais necessários para o curso escolhido, e uma redação em que ao vestibulando eram dados 3 temas e modalidades de escrita. Escolhia-se o tema e se iniciava a redação com nota máxima. A cada erro ortográfico ou literário cometido eram perdidos pontos na nota final. A primeira e a segunda fase do vestibular da UFC aconteciam em dias distintos.

No primeiro dia, fiquei sabendo que precisava escolher o curso logo na primeira semana, para saber quais as aulas das chamadas *matérias específicas* da segunda fase eu frequentaria aos sábados. Escolhi o curso de psicologia, que tinha como específicas as áreas da história e da biologia. A primeira semana foi de aprendizado real. Não só de conteúdos, mas de como se porta uma sala que realmente quer aprender, como ter um objetivo e como dividir um ideal com outros que almejam o mesmo pode ser tão inspirador. Os professores eram muito melhores do que eu poderia imaginar e o fato de serem jovens, ainda universitários, gerava um sentimento de identificação a mais, em relação à figura tradicional de professor das escolas que frequentei. No primeiro fim de semana fui às aulas de específicas e imediatamente me atraí pela aula de biologia. Obviamente eu já havia tido biologia na escola, mas aquele dia foi anormalmente interessante, talvez por ter um professor realmente interessado e estar eu mesmo querendo aprender. Resolvi mudar meu curso e desde então tem sido um objetivo de vida me tornar um biólogo.

Figura 2. Turma PNV no ano de 2008



Fonte: Autor, 2008.

O corpo docente e administrativo do curso permitia e instigava a participação dos alunos em qualquer reunião ou plenária, onde todos tinham direito a voz e contava também com um sistema de representantes de turma, que eram eleitos pelos alunos de cada turma e tinham direito também a voto em quase todas as decisões executivas do curso.

O curso valorizava a expressão da vontade, levava em consideração o emocional dos alunos, lidava com nossos limites e nos instigava a ter consciência histórica (Freire, 1983). Assim entre aulas, palestras e reuniões identifiquei meu local social como homem negro e as implicações que isto havia gerado e ainda havia de gerar na minha vida, com mais força do que nunca, e a importância de lutar mais que a maioria das pessoas presentes no meu cotidiano pelo meu direito de existir plenamente em qualquer espaço.

No meu primeiro vestibular da UFC eu não passei na segunda fase e pensei realmente em desistir. Fiquei, inclusive, com débito no curso por não poder pagar e achei que eles não aceitariam minha rematrícula. Os coordenadores, professores e colegas foram extremamente importantes para que eu me mantivesse no curso e me deram toda a força e apoio para que eu tentasse uma segunda vez.

Frequentei as aulas do projeto novamente durante o primeiro semestre de 2009, agora com o sentimento de que era possível entrar no curso que eu escolhi em uma universidade federal de renome, coisa impensável para mim dois anos antes. Fui eleito representante de turma e desta experiência tirei muitos aprendizados relacionados à autonomia, política, espaços de fala e o peso das decisões tomadas, principalmente quando elas envolvem o coletivo.

No segundo semestre me desliguei do curso para frequentar outro curso de renome que eu achava ser a melhor oportunidade para alcançar meu objetivo. Mas mesmo não estando regularmente matriculado, sempre frequentava o projeto quando podia. O vínculo entre o espaço de aprendizagem e o educando é muito forte quando a experiência é real e transformadora. Devo muito ao PNV e às pessoas que ali estavam no período entre 2008 e 2009.

6. SEMESTRE 2009.2

No segundo semestre de 2009 uma prima me inscreveu em um programa oferecido por uma das escolas mais prestigiadas de Fortaleza. Neste, o aprovado faria um estágio, sem nenhuma ajuda de custo, como auxiliar de coordenação durante o turno matinal da escola, 07:00hs às 12:00, e teria direito a frequentar o curso pré-vestibular da escola durante o período da tarde. Fui convidado para fazer a entrevista e, ao ser aprovado, por ter sido criado num sistema econômico em que a educação bancária - em que o professor dá informações e os alunos as estocam na memória (Freire, 1983) - é a mais difundida, achei que seria uma opção melhor que o PNV naquele momento.

A sede da escola onde eu estagiava ficava em um bairro distante e eu acordava cedo e levava muito tempo para me deslocar de ônibus no horário mais cheio. Eu era responsável por preparar as salas para as aulas do turno da manhã, algumas vezes eu tinha que fazer o mesmo para as aulas do turno da tarde. Portanto, frequentemente chegava mais cedo e saía mais tarde do que o acordado em contrato. Como a sede em que eu estudava era em um outro bairro bem mais próximo de minha casa, eu tinha que sair apressado assim que meu turno terminasse para não perder o ônibus, ou não poderia entrar na primeira aula. Geralmente eu perdia a primeira aula.

O curso era realmente muito completo. Recebíamos muito material e os professores eram excelentes e experientes. Para alguém que só estudasse já seria pesado acompanhar as aulas pela quantidade de material e conteúdo a ser estudado. O estágio era muito pesado, fisicamente falando, somado ao deslocamento demorado, era um serviço exaustivo. Eu escolhi dormir nas aulas de física e matemática e tentar acompanhar o máximo que eu pudesse das outras matérias. Chegava em casa à noite exausto e cheio de conteúdos novos para estudar todos os dias. Nesta época o fornecimento de energia elétrica da minha casa foi cortado novamente por falta de pagamento, eu estudava à luz de velas ou usando a lanterna de um celular que meu irmão havia emprestado à minha mãe e ela carregava as baterias na casa de uma tia que era nossa vizinha. Acabava dormindo logo pela dificuldade de enxergar e pelo cansaço.

Acabei aprendendo muito menos neste curso particular que no PNV, mas continuei por pressão familiar e orgulho. Meus parentes só ligavam para o fato de ser um curso prestigiado, diziam que era minha melhor oportunidade, eu tinha receio de não passar no vestibular e ser acusado de não ter conseguido por ter cometido o erro de desistir do curso. E se eles estivessem certos?

Entre noites sem luz, fome, correria, velas, sono, aulas e estudos, passei na primeira fase do vestibular. Fiquei eufórico e descobri que as aulas das matérias específicas aconteceriam na mesma sede em que eu trabalhava, no período da tarde. Quando informei à administração da escola que frequentaria as aulas naquela sede, recebi a recomendação de que eu deveria continuar indo à outra sede onde eu já tinha aulas, e que eu deveria comprar a farda - cara - para frequentar as aulas porque não poderia entrar na sala com a farda de funcionário e não eram permitidas roupas comuns dentro de sala. Como as aulas do ensino médio já estavam acabando e só alguns poucos alunos que estavam de recuperação ainda estavam indo regularmente, o funcionário contratado com quem eu trabalhava havia sido liberado, justamente para frequentar as aulas específicas porque estava fazendo vestibular para biologia! Fui para as aulas na sede em que eu trabalhava com farda de funcionário e fui repreendido por isso, mas eu era o único funcionário trabalhando no meu setor e não era remunerado. O que eles iam fazer? Me demitir? Desobedeci as ordens, estudei mais que nunca, fiz a segunda fase do vestibular, passei para o curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará e me orgulho muito disso.

7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

A reação perplexa da maior parte da minha família quando recebiam a notícia de que eu havia sido aprovado na Universidade Federal do Ceará foi o primeiro presente de boas-vindas que a academia me proporcionou. Alguns dos primos brancos da minha geração, que haviam estudado em bons colégios a vida inteira, também haviam feito o vestibular para entrar na UFC no mesmo ano. Alguns tiveram sucesso e outros não, mas o meu curso era o mais concorrido dentre os nossos e eu me senti muito autoconfiante. Familiares que

nem me olhavam nas reuniões de família descobriram meu nome e eu passei a ser cumprimentado, até com entusiasmo, em alguns momentos. Ser bem visto na família em que eu cresci era um objetivo que eu nunca tinha alcançado. Eu certamente tinha um péssimo histórico escolar que meus parentes conheciam bem (e adoravam comparar com os dos filhos deles, que eram “estudiosíssimos”), mas ser negro, pobre e filho da empregada definitivamente era vital para que não houvesse nenhuma cogitação, por parte deles, de que eu teria algum futuro acadêmico. Portanto, conseguir o privilégio de ser visto por eles foi muito gratificante, mesmo sabendo que o afeto que eu recebia só havia surgido por causa do meu sucesso em uma prova.

O curso de Ciências Biológicas da UFC oferecia, em 2010, 80 vagas de estudantes, cujos ocupantes eram divididos em duas levas. Os 40 mais bem colocados no vestibular começariam a ter aulas no primeiro semestre do ano e a outra metade iniciaria as aulas somente no segundo semestre. Isto me daria 6 meses sem vida acadêmica e eu estava ansioso para ocupar este tempo ocioso. Minha única certeza, à época, era a de que eu jamais seria professor porque detestei a escola por muitos anos, e procurei um ex-professor do PNV, que foi meu professor de biologia no projeto e minha maior inspiração para me tornar biólogo, que era biólogo do Instituto de Ciências do Mar, pedi para trabalhar no que quer que ele estivesse fazendo, como voluntário. Fizemos pesquisas com algas e eu tive meu primeiro artigo publicado antes mesmo do início das aulas (Sim, eu era proativo), percebi pela primeira vez que tinha dificuldades maiores que as outras pessoas para manter a concentração.

Figura 3. Aula de Campo em Ubajara-Ce no ano de 2010



Fonte: Autor, 2010.

Durante as horas de estudo no laboratório eu passava horas lendo poucas páginas. Não por ser difícil, mas por não conseguir focar ou ler sem atenção e esquecer imediatamente. Meu ex-professor me orientou a procurar um profissional para fazer um diagnóstico preciso. Eu não tinha acesso a psicólogos ou psiquiatras na rede pública de saúde e certamente não teria condições de pagar um profissional particular. Segui bolando estratégias para manter minha concentração e sem diagnóstico. Sempre aprendi mais em aulas e rodas de conversas que com os livros e na faculdade não seria diferente. Na mesma época fiquei sabendo de um museu de ciências, também da academia, que ficava próximo de casa e procurei um trabalho voluntariado lá também. O museu se chamava Seara da Ciência e lá foi onde o Prof. Murillo apareceu pela primeira vez.

7.1 Seara da Ciência

A Seara da Ciência da UFC é um projeto de extensão que utiliza diversos meios de comunicação para instigar o interesse pela ciência, por parte da população. “A Seara da Ciência é o órgão de divulgação científica da UFC que utiliza exposição, teatro, vídeo, feiras de ciências, entre outras linguagens para encantar os jovens e a população pela ciência.”(UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, S/D).

Eu já havia visitado o museu de ciências do projeto anteriormente e achei muito interessante. Quando soube, por alguns professores e amigos do PNV, que precisaria de créditos para me formar, decidi ser bolsista voluntário na intenção de adiantar alguns créditos que seriam necessários para a minha formação. O Seara aceitava monitores que fossem bolsistas de iniciação acadêmica ou iniciação científica, sem muitos como monitor, minhas atividades incluíam recepção de visitantes ao museu de ciências, recepção de alunos dos níveis fundamental, médio e superior nos laboratórios de química, física e biologia, além de atuar nos cursos de ciências - ou cursos de férias - que eram ofertados a alunos do nível médio, oriundos da rede pública de ensino.

Logo no início me surpreendi com a quantidade de alunos que o lugar recebia todos os dias. Excursões com centenas de alunos a serem recebidos por turno. Alguns dias era quase impossível alocar a quantidade de estudantes, mesmo dividindo-os entre todos os laboratórios e o museu, e fazendo rodízios. Eu sempre tentei ficar no museu ou somente assistenciando no laboratório, enquanto algum colega com mais experiência palestrava. Um dia recebemos uma turma de 200 alunos de uma escola particular sem aviso dos nossos superiores - esta falta de comunicação acontecia muito - e todos os monitores do laboratório de biologia, que eram veteranos em relação a mim, haviam faltado. Quando o coordenador me informou de que eu teria que apresentar o laboratório de ciências para centenas de alunos fiquei muito nervoso, mas conhecia a rotina e surpreendentemente tudo fluiu normalmente. Minha primeira apresentação frente aos alunos foi muito boa e eu fiquei empolgado para que as próximas viessem. Com o passar do tempo, receber os alunos no laboratório virou rotina, eu aprendi a lidar com muitas turmas de perfis socioeconômicos diversos, de diferentes faixas etárias e nível de escolaridade.

Trabalhar na Seara me fez perceber que eu era capaz de lidar com uma sala de aula e realmente facilitar o acesso de um aluno a um novo conhecimento.

Figura 4. Turma de Monitores da Seara da Ciência no ano de 2010



Fonte: Autor, 2010.

Em 2011, me inscrevi no edital para bolsas de iniciação acadêmica da universidade e fui contemplado. A Seara contava com algumas vagas para bolsistas desta modalidade e eu continuei monitor, então remunerado. No mesmo ano a Seara ofereceu um curso de ciências, voltado para alunos do ensino médio, cujo tema era “somos o que comemos”, tinha nutrição como conteúdo transversal. Fui professor neste curso e tive, pela primeira vez, alunos regulares que tinham acesso a materiais de referência como apostilas e estudos dirigidos produzidos especificamente para o curso, eu mesmo tinha de ministrar aulas expositivas e articular práticas laboratoriais executadas pelos alunos. Apesar de considerar que as visitas foram meu primeiro ensaio para sala de aula, foram experiências bem distintas, pois nas visitas eu tinha o objetivo de mostrar, em um curto espaço de tempo, que ciência era interessante e utilizar meios não convencionais para despertar o interesse deles pelo tema, enquanto no curso eu tinha uma turma de alunos recorrentes que buscaram ativamente as vagas por já terem interesse pelo tema, além

disso, tinha um conteúdo programado cujo acesso deveria ser facilitado em um período maior de tempo, fazendo com que os próprios estudantes praticassem ciências com os materiais do laboratório. A vivência foi ainda melhor que as exposições e eu me peguei pensando “Nossa, que experiência fantástica! Pena que eu não vou ser professor”.

7.2 Curso Paulo Freire

Ainda em 2011, um amigo, que sabia que eu já estava tendo minhas primeiras experiências em sala de aula, me convidou a dar aulas num curso pré-vestibular do qual eu já tinha tido ouvido este mesmo amigo falar. Ele era coordenador do curso e precisava de um substituto, com urgência, por “algumas aulas”. Não me lembro exatamente do número de aulas, mas eram aos finais de semana, logo não atrapalhariam as minhas tarefas semanais e eu ainda estaria ajudando a um amigo.

O projeto era o Curso Pré-Vestibular Paulo Freire, que é uma ação de extensão voltada para a promoção do acesso à educação para pessoas em estado de vulnerabilidade socioeconômica. O curso conta com a colaboração de alunos da Universidade Federal do Ceará e de outras Instituições de Ensino na realização de atividades que permitam a difusão de conhecimentos, bem como a formação de alunos cidadãos, com senso crítico e consciência social apurados. São ações dentre as quais se destaca a realização de um curso anual de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e demais vestibulares, manutenção de biblioteca totalmente à disposição do corpo discente do Curso e acompanhamento administrativo e pedagógico no auxílio da consecução dos objetivos dos alunos e do projeto. O público-alvo do projeto são alunos egressos de escolas públicas que desejam ingressar no ensino superior, mas que não dispõem de condições financeiras para custear um curso pré-vestibular privado, visando-se principalmente as pessoas que, diante da realidade social na qual estamos inseridos, foram historicamente excluídos de oportunidades de acesso ao ensino superior. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, S/D)

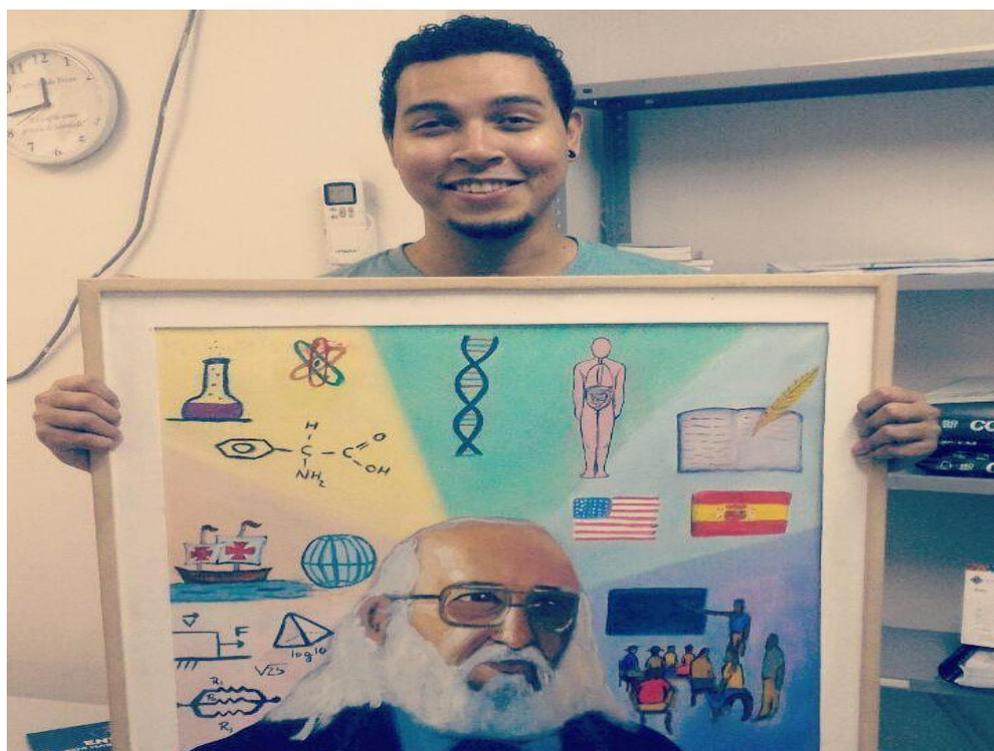
Figura 5. Turma Paulo Freire no ano de 2011



Fonte: Autor, 2011.

O curso era ligado à Faculdade de Direito da UFC e as aulas aconteciam nas mesmas salas de aulas que os universitários utilizavam de segunda a sexta. Os alunos tinham aulas de manhã até a noite durante os sábados e domingos. Ao chegar no lugar, imediatamente me senti um intruso. O prédio tinha mármore preto e branco em todos os lugares, bustos de pessoas ilustres das ciências jurídicas, que eu desconhecia, e quadros que ilustravam rostos julgadores de tempos passados. Os primeiros estudantes que vi eram brancos, estavam de terno e gravata e me olharam com curiosidade quando passei por eles, usando chinelo e calça jeans. Tudo naquele lugar me causava o sentimento de que eu era um intruso e eu só pensava em ir embora imediatamente após a aula.

Figura 6. Quadro pertencente ao Curso Paulo Freire em 2011



Fonte: Autor, 2011.

Fui recebido na sala da administração do curso pelo meu amigo coordenador e levado à sala de aula onde estava minha primeira turma, na qual eu encontrei a maior e mais agradável disparidade. Os alunos eram, em sua maioria, negros e estavam vestidos tão casualmente quanto eu. Chinelos, bermudas, roupas comuns, cabelos bagunçados e gírias conhecidas. Eles eram alienígenas naquele lugar assim como eu. Foi muito clara a identificação entre os alunos e eu, a aula fluiu muito melhor do que o esperado. Me apaixonei pelo projeto e o que seriam apenas algumas aulas como substituto se tornaram dez anos de muito aprendizado dentro e fora de sala de aula. Eu atribuo ao curso Paulo Freire o surgimento da minha persona como professor,

pois foi lá onde eu, pela primeira vez, quis realmente seguir o ofício de educador. Quando vi na prática aquilo que aprendemos teorizando em sala de aula e os alunos me mostraram o quão impactante uma única aula pode ser para toda a vida de uma pessoa, a perspectiva da importância do professor se tornou muito mais real e me senti agente atuante de transformações. Quis e quero ser professor, e amo ensinar desde então.

7.3 Experiências com Docência durante a Graduação

A partir do momento em que decidi ser educador, voltei o curso totalmente para a licenciatura. Em 2012 assumi uma vaga como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas, com o objetivo de antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, S/D), que me deu a oportunidade de conhecer o funcionamento real das escolas.

Figura 7. Reunião da equipe PIBID Biologia de 2012



Fonte: Autor, 2012.

Comecei a dar aulas de reforço em alguns centros de ensino particulares, trabalhei com alunos de grandes escolas privadas, dentro deste grupo, notei que existem diferenças enormes nos padrões de vida entre eles. Nesta época tive desde alunos que necessitavam de bolsas de estudos - muitas vezes integral - para se manterem na escola privada, até alunos que possuíam um padrão de vida altíssimo e faziam viagens internacionais com frequência. Com o tempo, migrei para as aulas particulares em domicílio, onde ganhava melhor e tinha maior liberdade de horários para conciliar trabalho e disciplinas da faculdade. Neste último contexto, por estar inserido no cotidiano dos alunos, conseguia perceber as diferenças claras entre o modo de vida deles e o meu, ou dos alunos da escola pública.

Figura 8. Visita da equipe PIBID Biologia à Escola Justiniano de Serpa



Fonte: Autor, 2012.

Fui ainda professor de escolas particulares menores, conhecidas como “escolas de bairro”, mas sempre como substituto ou temporário, pois as propostas de contratação nunca me agradaram e eu não havia tido boas

experiências com patrões, preferindo não ter vínculo empregatício com horários fixos - era jovem. Por causa disso, quando a pandemia de COVID-19 alcançou o Brasil em 2020 e o isolamento social foi instaurado, fiquei sem alunos e tive de me afastar da área da educação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a narrativa deste trabalho, pude enxergar as instituições de ensino por diferentes ângulos, como docente e discente. Em ambos os casos senti que a proposta de uma educação que levasse em consideração a história de vida, as opiniões e sentimentos dos alunos, era sempre a que me parecia mais correta e a que mais me instigava.

Paulo Freire descrevia a educação libertadora como agente de transformação social, porque valoriza o exercício da liberdade, dos sentimentos, dos desejos e respeita os limites dos indivíduos, respeitando o sentido ético da presença humana no mundo.

Assim, sendo eu mesmo parte de grupos oprimidos, me sinto mais próximo de uma educação libertadora, como descrita por Paulo Freire, pois entendo que através dela podemos ter esperança de mudança social positiva à medida que damos voz aos educandos e instigamos neles a consciência político-social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Paris: Nathan, Coll. 1997.

CARVALHO, J. J. Inclusão étnica e racial no Brasil: **a questão das cotas no ensino superior**. 2. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 2006.

CAVALLEIRO, E. dos S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: **racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Trad: **Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU**. - Uberlândia: EDUFU, 2000.

CONNELLY, F. M. E CLANDININ, D.J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. (org.). (1995). **Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes.

FREIRE, Paulo. Impossível existir sem sonhos In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3 Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 49-52.

FREIRE, Paulo. Mudar é difícil mas é possível In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3 Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 201-227.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**. v. 11(2), p. 327-345, 2005.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 02, p. 329-343, mai./ago. 2006.

ROSEMBERG, F. Raça e desigualdade educacional no Brasil. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

SILVA, A. C. da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador: Udufa, 2001.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Edição digital. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

Universidade Federal do Ceará – UFC – Ações Extensionistas. Projeto Novo Vestibular (PNV), [2017?]. Disponível em: <<https://acoesextensionistas.ufc.br/pt/-campus-do-benfica/educacao/programa-projeto-novo-vestibular-pnv/>>. Acesso em: 23 de junho de 2023.